

4ª JORNADA DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA NA UNISINOS: ENTREVISTA COM REPRESENTANTES DO MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA CIÊNCIA HOJE



Antônio Carlos Sartini

Representante do Museu da Língua Portuguesa, aberto ao público desde 2006, em São Paulo.



Eduardo José Siqueira

Representante do Programa Ciência Hoje de apoio ao ensino.

Por Diego Spader de Souza, Ana Luiza Vianna e Maria Helena Albé

Perguntas a Antônio Carlos Sartini

Entrelinhas – Como o trabalho nos museus, especialmente o da Língua Portuguesa, podem contribuir com a popularização do conhecimento?

Eu acho que os museus são um espaço que tem, por obrigação, contribuir para a popularização do conhecimento. O que a gente percebe é que, nas últimas décadas, os próprios museus, os museólogos, os profissionais de museus repensaram os museus enquanto instituições. Aquela ideia que a gente tem de que museu é um lugar em que se guarda coisa

velha, onde está estocada coisa velha, é uma ideia que tem muito mais a ver com a postura das instituições do que com o público, com os visitantes. Durante muito tempo, os museus privilegiaram a questão da preservação e da pesquisa, e se esqueceram completamente da divulgação, da difusão. E hoje nós temos claro na área museológica que você preservar e pesquisar, e não divulgar é a mesma coisa que você não pesquisar e não preservar. Então, nas últimas décadas, a gente vê que os museus passaram a dar grande importância à questão da comunicação, da divulgação do conhecimento, e isso fez com que os museus aqui no Brasil aumentassem muito as suas visitas e o papel de inserção deles na sociedade. Não é à toa que hoje criam-se muitos museus. Em São Paulo criaram-se muitos museus, no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais. Belo Horizonte tem um museu belíssimo que é o Museu de Artes e Ofícios. Eu acho que um museu tem esse papel, é o espaço onde você pode preservar a sua história, refletir a sua história e pensar, projetar o seu futuro. São espaços muito importantes para o desenvolvimento da sociedade, para a cultural, para o senso crítico e para o autoconhecimento.

Entrelinhas – Como você vê essa iniciativa de aproximação entre o trabalho feito pelo museu e as discussões que são realizadas no âmbito acadêmico?

Extremamente importante. Da mesma maneira que os museus tinham esse problema, quer dizer, se colocavam em uma postura elitista, as universidades também têm esse problema. Hoje a gente percebe uma série de ações realizadas por universidades de todo o Brasil, quebrando essa relação de poder entre a universidade e a comunidade. Eu acho que isso é um processo, as universidades ainda são muito elitistas, no sentido de guardarem o conhecimento para si ou no sentido de produzirem um conhecimento que não tem aplicabilidade nenhuma. Hoje as universidades entendem essa necessidade de interação com a comunidade, é o mesmo caso com os museus. Então, o Museu tem procurado estabelecer parcerias com universidades, como com a UFMU, aonde nós produzimos um guia do acordo ortográfico, que foi distribuído para todas as escolas públicas do Estado de São Paulo. Nós temos parceria de pesquisa com a Universidade Anhembi Morumbi, de São Paulo. Temos parceria com a Universidade da Georgia, dos Estados Unidos, onde nós temos estagiários, e é uma universidade que investe fortemente no ensino de Português nos Estados Unidos. Eu acho que é extremamente importante esse diálogo entre a instituição museológica e as universidades, no que diz respeito à questão da pesquisa e também no que diz respeito à questão da divulgação, da difusão.

Perguntas a Eduardo José Siqueira

Entrelinhas – Qual é a grande contribuição da revista *Ciência Hoje das Crianças* para o letramento científico, tendo em vista o público a que ela se destina?

Está implícito. Eu penso o seguinte: primeiro, ela contribui para a popularização, a criação da cultura etc.; ela contribui para a desmistificação da ciência, o professor generalista sempre tem a ideia de que a ciência é complicada, é difícil, que precisa de laboratórios com tudo de ensaio e tal, e a gente vê que não precisa de nada disso. Uma terceira contribuição é que

coloca a ciência no imaginário da criança. A gente quando nasce, já nasce com espírito científico, de investigação. O primeiro contato que a criança tem é com a oralidade, o som, e a visualização das coisas, a linguagem visual. E a medida que ela vai se desenvolvendo, ela vai tendo suas descobertas e suas conquistas. Aí quando ela vai pro Ensino Fundamental, ela passa a ter responsabilidades, fica chato! Ela precisa aprender a ler, escrever, fazer conta etc. Só que imediatamente ela vem de uma fase em que o brincar é muito importante. Essa transição a revista faz com uma certa propriedade, fazendo com que se mantenha o interesse pela busca, pela conquista do conhecimento e do mundo em que ela vive.

Entrelinhas – Qual a maior preocupação dos cientistas ao escreverem os textos para a revista?

Primeiro a revista pauta. Os cientistas não precisam se preocupar, ele precisa escrever, pois a redação da revista é que faz a tradução. Hoje, como nós já temos quase trinta anos de estrada, às vezes com pesquisador mais conhecido da gente, a gente mesmo escreve e manda pra ele. Ele revisa e o texto volta. Esses textos voltam quatro ou cinco vezes. O autor revisa, nós revisamos. Nós levamos quase um ano para fazer um livrinho de trinta páginas sobre um tema como a dengue, por exemplo. Na verdade, se o pesquisador tiver a preocupação de ser mais “entendido”, ele pode assumir para si, um pouco, essa tarefa. Mas, invariavelmente, o texto final acaba saindo da redação da revista.